

MERCADO INTERNO FRACO LEVA NEGÓCIOS FLORESTAIS À EXPORTAÇÃO

Na atual conjuntura econômica nacional, com o câmbio do dólar crescente em favor desta moeda, a Análise Conjuntural de março de 2015 do Centro de Inteligência em Florestas (CI Florestas) destaca a estratégia de vários segmentos do setor de focar em mercados internacionais que estão em crescimento ou em franco reaquecimento e superação da crise internacional. Tal estratégia muda o foco doméstico dos negócios florestais para o foco nas exportações dos produtos. Dependendo das forças econômicas e de comércio, como evolução do câmbio do dólar e reaquecimento dos mercados internacionais, tal estratégia pode representar uma estratégia consistente de superar e resistir à crise interna que se estabelece.

Segmento de Celulose e Papel

De janeiro a março de 2015, no segmento brasileiro de celulose e papel, foram observados preços, produção e exportações crescentes para a celulose. No caso do papel, observaram-se preços crescentes, produção estável e exportação menor em relação a 2014.

No primeiro mês de 2015, a produção brasileira de celulose atingiu 1,5 milhão de toneladas, alta de 12,3% em relação ao mesmo período de 2014. A produção de papel se manteve praticamente estável no primeiro mês do ano, atingindo 875 mil toneladas, ante 880 mil toneladas no mesmo período do ano passado.

Os preços da celulose, em São Paulo, cresceram, em média, 0,48% ao mês, de janeiro a março deste ano (Quadro 1).

Os preços do papel *offset* em bobina e *cutsizet* tiveram crescimento médio de 0,67% e 0,54% ao mês, respectivamente, em São Paulo (Quadro 1).

Para as empresas do setor, o aumento dos preços do papel pode estar relacionado com o aumento do custo de energia elétrica no país e o aumento do preço da celulose pode ser devido à baixa oferta e ao baixo estoque do produto no mercado. Contudo, esta situação pode reverter com a entrada em operação do projeto Guaíba da Celulose Riograndense entre maio e junho deste ano. Como a nova oferta de

capacidade deve chegar ao mercado no segundo semestre deste ano, espera-se mais aumento de preços neste primeiro semestre.

Quadro 1 – Preços da celulose e do papel em São Paulo, janeiro a março de 2015

Período (Mês)	Celulose (US\$)	Papel do papel offset em bobina (US\$)	Preço do papel cutsize (US\$)
Jan/15	742,79	742,79	742,79
Fev/15	744,34	744,34	744,34
Mar/15	750	750	750
Crescimento médio mensal (% ao mês)	0,48	0,67	0,54

Fonte: CEPEA (2015).

As exportações brasileiras de celulose cresceram 11%, comparando fevereiro de 2015 com fevereiro de 2014, e as exportações nacionais de papel e suas obras (papel e cartão; obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão) reduziram 8% no mesmo período, em termos de valor exportado (MDIC, 2015).

De janeiro a fevereiro deste ano as exportações de celulose e papel reduziram 2,7% e 5,8%, respectivamente, em termos de valor exportado (MDIC, 2015).

A expectativa é de que as exportações de celulose do país continuem crescentes nos próximos anos, uma vez que a China deverá triplicar até 2025 os volumes comprados da celulose branqueada de eucalipto produzida no Brasil, de acordo com projeção da Pöyry Tecnologia.

Para os próximos meses, espera-se que a Fibria aumente seus investimentos. A empresa pretende mais que dobrar o tamanho da fábrica de Três Lagoas (MS) com investimento de R\$ 8 bilhões para instalar a segunda linha de produção na unidade sul-mato-grossense, elevando de 1,3 milhão de toneladas para 3,05 milhões de toneladas por ano a capacidade instalada da fábrica.

A Suzano Papel e Celulose e a paranaense Ibema anunciaram recentemente uma associação no segmento de papel-cartão que dará origem a uma nova empresa, de controle compartilhado e atuação independente no mercado, que manterá o nome Ibema. Com capacidade de 140 mil toneladas por ano, a "nova Ibema" será a terceira maior produtora brasileira de cartões. A operação da Ibema com a Suzano aumenta sua produção das atuais 90 mil toneladas para 140 mil toneladas por ano em duas unidades: Turvo (PR) e Embu (SP).

Segmento de Madeira Processada

Neste mês de fevereiro de 2015, as exportações de madeira e derivados foram de US\$181 milhões, representando um aumento de 12,3% em relação a janeiro. Já as importações foram de US\$9,1 milhões, representando uma queda de 21,7% em relação ao mês anterior. Portanto, o saldo na balança comercial teve um aumento de 15% em relação ao mês anterior, alcançando US\$171,9 milhões em fevereiro. No acumulado do ano de 2015, de janeiro a fevereiro, as exportações totalizaram US\$342,1 milhões, apresentando um aumento de 4,1%, quando comparado ao mesmo período do ano passado, indicando um ligeiro crescimento este ano. As importações de janeiro a fevereiro de 2015 totalizaram US\$20,6 milhões e foram 21,8% menores em relação ao mesmo período de 2014. Assim, o saldo acumulado da balança comercial de 2015 é de US\$321,4 milhões, 6,3% maior que igual período do ano passado. Portanto, o segmento de madeira processada inicia o ano com perspectivas de crescimento (Quadro 2).

Quadro 2 – Balança Comercial Brasileira para Madeira e Derivados (capítulo 44) de Janeiro a Fevereiro de 2014 e 2015, em US\$1.000

Mês	2015			2014			Variação % entre os anos		
	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo
Jan	161.095	11.579	149.516	144.340	12.507	131.833	11,6	-7,4	13,4
Fev	180.993	9.071	171.922	184.376	13.911	170.464	-1,8	-34,8	0,9
Acumulado	342.088	20.650	321.438	328.716	26.418	302.298	4,1	-21,8	6,3
Variação % entre Jan e Fev	12,35	-21,66	14,99	27,74	11,23	29,30			

Fonte: MDIC (2015), elaborado pelos autores.

Internamente, a situação não é boa para os principais segmentos que se utilizam dos produtos da madeira, pois enfrentam a retração econômica, elevada carga tributária e outros tantos problemas inerentes a toda a economia brasileira. A luz no fim do túnel vem da área externa, que deverá dar um novo impulso ao setor. O dólar

em alta estimula a exportação e tem sido a âncora para vários outros segmentos, mas é a recuperação da economia norte-americana que vai dar sustentação à indústria de madeira, segundo avaliação de Marco Tuoto, presidente da Tree Trading - empresa especializada em madeira e produtos florestais.

Em 2005, as exportações brasileiras de madeira serrada de pinus atingiam US\$304 milhões. Em 2007 e 2008, a crise econômica mundial e a valorização do real tornaram o produto brasileiro pouco competitivo, e as exportações caíram muito. Já em 2009, as exportações recuaram para US\$142 milhões, aponta Tuoto. Portanto, as empresas se voltaram para o mercado interno, aproveitando o bom ritmo da construção civil brasileira.

A atual desaceleração da economia, no entanto, faz o setor de madeiras também perder ritmo internamente, visto que os três principais segmentos que demandam produtos de madeira sofrem com a crise: construção civil, móveis e embalagens. As esperanças estão no mercado dos Estados Unidos. Tuoto prevê que o setor manterá bom ritmo de vendas externas e poderá crescer de 20% a 25% neste ano. Em 2014, as vendas externas de madeira serrada de pinus subiram para US\$230 milhões, mas ainda estão longe do patamar de 2005.

A alta do dólar também ajuda essa aceleração nas vendas externas, tornando o produto brasileiro mais competitivo. No entanto, essa valorização do dólar traz inflação e elevação dos custos para todos os setores. No caso específico da madeira, as maiores influências de custos vêm de matéria-prima, fretes e energia elétrica. Além do fator de pressão dos custos internos, o exportador vai ter de negociar com o importador, que exige descontos nas mercadorias, devido aos ganhos, em reais, que a valorização do dólar traz nas exportações. Segundo Tuoto, o cenário favorável para o setor de madeiras deverá manter essa tendência pelo menos até 2017 (Folha de São Paulo, 14/03/2015).

Produtos Florestais Não-Madeireiros

O somatório das exportações dos produtos florestais não madeireiros selecionados (castanha do pará, castanha de caju, óleo essencial de eucalipto, palmito, taninos e borracha natural) continuam acompanhando o baixo desempenho da economia brasileira. Apesar da alta do dólar ter impulsionado a exportação de produtos de diversos segmentos do mercado nacional, esta parece não ter estimulado a exportação da maioria dos PFNMs analisados (Quadro 3). De janeiro a fevereiro de

2015, as exportações desse grupo de produtos acumularam, aproximadamente, US\$20,6 milhões e 5.378,3 toneladas, apresentando reduções de 20,9% e 18,2%, em termos de valor e quantidade, em relação ao mesmo período de 2014.

Assim como no primeiro mês do ano de 2015, o mês de fevereiro foi marcado com o aumento das exportações da castanha do Pará, sendo este o segundo produto não madeireiro mais exportado entre os produtos analisados.

No segundo mês de 2015, as exportações dos PFMNs selecionados totalizaram US\$10,2 milhões, com queda de 2,5%, comparado ao mês janeiro deste ano. Contudo, a exportação da borracha natural reagiu positivamente, em fevereiro, aumentando 16,8 vezes o valor da sua exportação, em relação ao mês anterior. Apenas a castanha de caju e o óleo essencial de eucalipto reduziram suas exportações em relação ao mês de janeiro.

Quadro 3 – Exportações e Importações dos PFMN Selecionados, de Janeiro a Fevereiro de 2015, em 1.000 US\$ FOB

Produto não madeireiro	Meses	Exportação			Importação		
		2015	2014	Variação 2015-2014	2015	2014	Variação 2015-2014
Castanha do Pará	Jan	1.496	633	136%	0	0	-
	Fev	1.987	776	156%	157	0	-
Castanha de caju	Jan	8.007	12.168	-34%	0	0	-
	Fev	7.716	10.314	-25%	142	0	-
Óleo essencial de eucalipto	Jan	605	325	86%	379	377	1%
	Fev	55	75	-26%	319	308	3%
Palmito em conserva	Jan	125	160	-21%	160	0	-
	Fev	153	260	-41%	0	0	-
Taninos	Jan	234	405	-42%	324	477	-32%
	Fev	265	368	-28%	592	423	40%
Borracha natural	Jan	2	5	-68%	23.706	31.511	-25%
	Fev	26	650	-96%	25.860	28.675	-10%

Fonte: MDIC (2015), elaborado pelos autores.

No acumulado de 2015, de janeiro a fevereiro, o valor das importações dos PFMNs selecionados reduziram 16,4% em relação ao mesmo período de 2014,

somando aproximadamente US\$51,6 milhões e 31.495,3 toneladas. Um dos motivos para que isso ocorresse foi a queda da importação da borracha natural, que contribuiu com 96% no total do valor das importações.

Em fevereiro de 2015, produtos como a castanha do pará e a castanha de caju, que no mês anterior não foram comercializados internacionalmente, entraram na lista dos PFNMs importados. Por outro lado, o palmito em conserva deixou de ser importado. Dessa forma, nesse mês, US\$27 milhões foram desembolsados pelo mercado nacional, para importar óleo essencial de eucalipto, palmito, taninos e borracha natural.

A Associação Brasileira de Produtores e Beneficiadores de Borracha Natural (Abrabor) continua intercedendo por recursos adicionais para a borracha natural no âmbito da Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM). São necessários aproximadamente R\$30 milhões adicionais para sustentar a atividade heveícola até o fim desta safra. Outras iniciativas estão sendo dialogadas, como a implantação de uma renda mínima para o sangrador (ou seringueiro) para fins do cálculo do preço mínimo e a elevação da alíquota da Tarifa Externa Comum (TEC) para a borracha natural (Abrabor, 2015).

Segmento Moveleiro

A conjuntura do setor, em fevereiro de 2015, mostrou-se um pouco melhor do que a do mês anterior, devido a um pequeno aumento nas exportações e a um leve decréscimo nas importações. A produção de móveis no país, no entanto, vem apresentando resultados pouco satisfatórios ou negativos. Segundo IBGE, comparando janeiro de 2015 com janeiro de 2014, essa apresentou queda de 3,7%. No acumulado de janeiro a dezembro de 2014, sua queda foi de 7,4%. Esse quadro geral do setor não é diferente do vem ocorrendo, sistematicamente, com a economia brasileira que teve variação negativa de 5,2%, segundo a Pesquisa IBGE, no mesmo período. A inflação, os juros altos e a desvalorização da moeda, dentre outros agravantes, têm contribuído para esse desempenho.

As relações comerciais do setor com o exterior foram, em fevereiro, até certo ponto, favoráveis, tendo em vista as dificuldades que o país enfrenta para competir nesse mercado.

Em fevereiro de 2015, o acumulado das exportações dos últimos 12 meses (mar.2014 a fev.2015) somou US\$450 milhões, aproximadamente. Este valor é 2%

maior do que o acumulado dos últimos 12 meses anteriores (fev.2013 a mar.2014). Portanto, o setor exportador de móveis se mantém, apesar do cenário econômico adverso. Os resultados das exportações, em fevereiro, mostram que essas foram 12% menores do que as do mesmo período em 2014, mas 23% maiores do que as do mês de janeiro do ano corrente. A forte desvalorização da moeda nacional pode estar colaborando para esse aumento de um mês para o outro. O efeito sazonal de queda nas exportações do país como um todo, no início do ano, explica parte da queda verificada na exportação do setor moveleiro em relação aos anos anteriores. Já o aumento verificado em relação ao mês anterior talvez possa ser explicado pela forte desvalorização da moeda nacional frente ao dólar nesses dois primeiros meses do ano.

Quadro 4 – Exportações e Importações Totais de Móveis de Janeiro a Fevereiro de 2014 e de 2015 e Acumulado dos Últimos 12 Meses (US\$1.000 FOB)

Meses	Exportações Totais		Variação	Importações Totais		Variação
	2014	2015	2015/2014	2014	2015	2015-2014
Janeiro	28.754	25.064	-13%	1.796	1.994	11%
Fevereiro	35.036	30.901	-12%	1.880	1.497	-20%
Acumulado Últimos 12 meses	442.230	449.890	2%	28.853	23.533	-18%

Fonte: MDCI (2015), adaptado pelos autores.

Em fevereiro 2015, o acumulado das importações dos últimos 12 meses (mar.2014 a fev.2015) somaram US\$24 milhões, aproximadamente, representando uma queda de 18% em relação ao acumulado dos últimos 12 meses anteriores (mar.2013 a fev.2014). Em relação ao mês de fevereiro de 2014, as importações de fevereiro de 2015 apresentaram uma queda de 20%. Já com relação aos valores importados de janeiro de 2015, essas tiveram um decréscimo de 25%, o que é esperado frente ao aumento do custo de importação por conta da valorização da moeda americana.

As dificuldades a serem enfrentadas pelo setor moveleiro em 2015 permanecem e devem exigir não apenas a manutenção dos investimentos e inovações, mas a busca de estratégias comerciais mais arrojadas.

Segmento de Carvão para Siderurgia

O preço médio praticado no mercado mineiro de carvão vegetal sofreu queda média de 5% em suas principais regiões, no mês de fevereiro de 2015 em relação ao mês anterior. Com exceção da região de Sete Lagoas, que manteve o preço do carvão em R\$580/t, as demais regiões (Divinópolis, Norte de Minas e Grande BH) negociaram o produto por R\$530, R\$575 e R\$498 por tonelada, respectivamente, ou seja, valores abaixo do mês anterior. No estado do Espírito Santo foi observada uma queda no preço da matéria-prima florestal de 7%, ou seja, de R\$570/t em janeiro para R\$530/t em fevereiro.

A produção brasileira de aço bruto começou o ano em crescimento. Em fevereiro de 2015 foi de 2,7 milhões de toneladas, crescimento de 2,3%, quando comparada ao mesmo mês em 2014. Em relação aos laminados, a produção de fevereiro, de 2,1 milhões de toneladas, apresentou crescimento de 4,3%, quando comparada com fevereiro do ano anterior. Com esses resultados, a produção acumulada nos dois primeiros meses de 2015 totalizou 5,6 milhões de toneladas de aço bruto e 4,1 milhões de toneladas de laminados, aumentos de 5,1% e 2,6%, respectivamente, sobre o mesmo período de 2014.

Quanto às vendas internas, esse mercado não acompanha a tendência de crescimento. As vendas internas tiveram queda pelo segundo mês seguido nesse ano. O resultado de fevereiro de 2015 foi de 1,5 milhões de toneladas de produtos, queda de 15,9% em relação a fevereiro de 2014. As vendas acumuladas em 2015, de 3,1 milhões de toneladas, mostraram queda de 12,2% com relação ao mesmo período do ano anterior.

O mercado internacional tem se apresentado como a melhor opção. As exportações de produtos siderúrgicos, em fevereiro, atingiram 688 mil toneladas, no valor de US\$410 milhões devido, principalmente, às remessas de semiacabados. Com esse resultado, as exportações até fevereiro de 2015 totalizaram 1,8 milhões de toneladas e US\$1,1 bilhões, representando um crescimento de 22,7% em volume e um aumento de 6,1% em valor, quando comparados ao mesmo período do ano anterior.

O consumo aparente nacional de produtos siderúrgicos em fevereiro foi de 1,8 milhões de toneladas, totalizando 3,8 milhões de toneladas no período de janeiro a fevereiro de 2015. Esses valores representaram queda de 10,8% e 7,4%, respectivamente, em relação aos mesmos períodos do ano anterior. Apesar do crescimento das exportações e da produção nacional, o alto custo dos importados,

puxado pela valorização da moeda americana, adicionado a fatores econômicos internos, deixou o consumo aparente em queda pelo segundo mês do ano.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. em Ciência Florestal

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Lyvia Julienne Sousa Rêgo – Eng. Florestal M.Sc. em Ciência Florestal

*** Permitida a reprodução desde que citada a fonte.**